

# A ILLUSTRAÇÃO

REVISTA QUINZENAL PARA PORTUGAL E BRAZIL

## PARIS

ESCRITORIO, 6, rue Saint-Petersbourg  
Assiguação

ANNO. . . . . 21 francos

SEMESTRE. . . . . 12 "

AVULSO. . . . . 1 "

No resto da Europa 11 francos por trimestre e 22 francos p. a. ano

1.<sup>o</sup> Anno. — Volume 1. — Numero 11.

PARIS 5 D'OUTUBRO DE 1884

Director: MARIANO PINA

## RIO DE JANEIRO

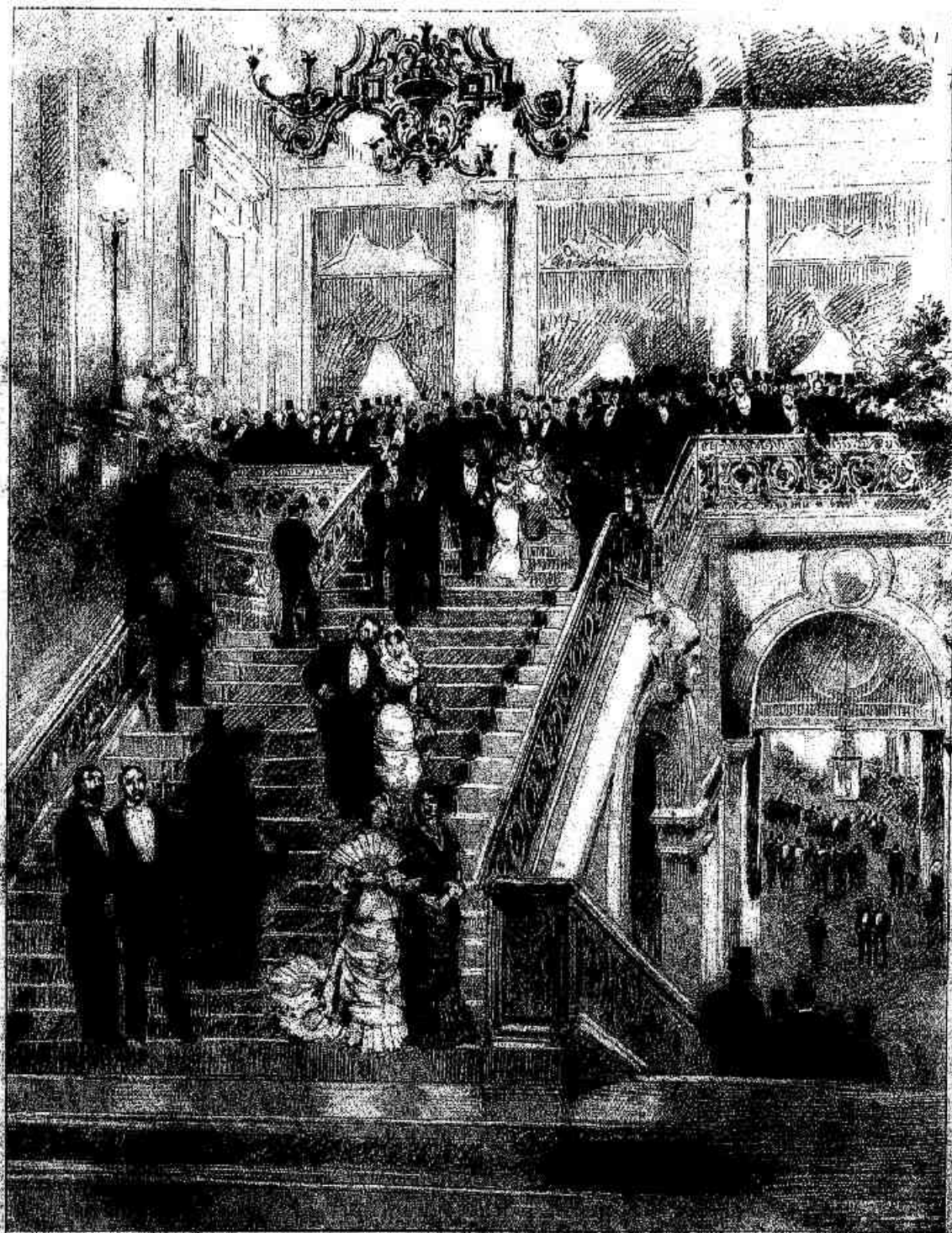
GABETA DE NOTULIAS, 7-a, R. do Ouvidor.  
Assiguação

ANNO GOSTE. . . . . 15,000

SEMESTRE. . . . . 6,000

ASSO PROVIJIAS. . . . . 14,000

AVULSO. . . . . 500



THEATROS DE PARIS. — A escada da Comedia Francaza



## SUMMARIO

**TEXTO:** *Chronica*, por Mariano Pina. — *Ignota* (de poesia), por Joaquim d'Arayjo. — *Pedro Luiz* (biographia), por Machado d'Assis. — *O dinheiro da Papa* (conto), por Gil-Vicente. — *Um banho no Hamuam*, por Jayme de Seguiet. — *Resabios* (poesia), por Valentim Magalhães. — *Epigrama portuguez*, por Mariano Pina. — As nossas gravuras: A Comedia Francesa; Uma vista do Amazonas; Italia; Pedro Luiz; A China Contemporanea. — Notas e impressões. — *Jesus ao collo do Magdalena* (poesia), por Luiz Delfino. — *Theatros*, por J. Miranda. — *Passatempo*.

**GRAVURAS:** Theatros de Paris. A escada da Comedia Francesa. — O dinheiro do Papa, desenhos de S. Arcos. — Brazil. Uma vista do Amazonas, desenho original de F. Villaga. — *Recordação d'Italia*, quadro de Echler. — Pedro Luiz. — A China contemporanea. Um exame de soldados. — Italia. Um carrão das proximidades de Roma. — O Cholera em Napoles.

## CHRONICA



I hontem n'um artigo mundano do *Gil Blas* a preciosa noticia de que o *Tout Paris* tinha finalmente entrado em Paris. E do artigo a que alludo deprehendi-se que S. Ex.<sup>a</sup> era visivel em todas as primeiras representações dos theatros do boulevard, todas as ter-

ças-feiras na *Comedia Francesa*, todas as quintas-feiras na *Opera-Comica* e todas as sextas-feiras na *Grande Opera*.

Emfim... S. Ex.<sup>a</sup> depois de ter passado algumas semanas sob o céu azul de Biarritz, depois de ter arriscado algumas notas de mil francos sobre as mezas de jogo de Trouville, depois de ter assistido ás grandes corridas de Dieppe; depois de se ter informado que as andorinhas vão partir, que as ostras já appareceram nas listas dos restaurantes e que Sardou já pôz o ultimo ponto final na sua nova peça *Theodora* — S. Ex.<sup>a</sup> resolveu honrar Paris com a sua entrada e vir presidir na grande cidade aos destinos do inverno de 84-85, que deve ser abundante em acontecimentos — se tivermos muita neve.

Talvez não acreditem. Mas inverno sem neve, como o inverno de 83-84, não é inverno em Paris. E' um inverno indecente!

E' necessario que ella caia consecutivamente, branqueando tudo — os telhados, as arvores, as ruas e as gentes. E' necessario que ella caia, sem descango, dia e noite. Que venham para a rua os esquadrões de *ramoneurs* armados de pás e picaretas, abrindo passagem para as carruagens poderem circular; desobstruindo as portas das casas para que os locatarios possam sair; fazendo carreiros ao longo dos largos passeios d'asphalto para que Paris se possa mover.

Para que um inverno seja interessante em Paris, para que haja vida e animação nos cafés, nos theatros, nos clubs e nos salões é necessario que a temperatura desça tanto que gelem os lagos do Bosque de Bolonha e que sobre o Sena, immobilisado pelo frio, se passeie naturalmente como se passeia pela avenida dos Campos Elysees, pegando as aguas do rio com a mesma confiança com que se pisam as pedras d'uma calçada!

Acerca do tal famoso *Tout Paris* correm centas lendas e vão-se formando pouco a pouco montanhas d'illusões que é necessario mais ou menos destruir.

Onde elle mais se manifesta, isto é, onde elle mais se exhibe, onde elle pode ser observado de perto é nos theatros, em noite de peça nova ou de representação extraordinaria.

Muita gente pensa que é este *Tout Paris* que faz a reputação dos grandes artistas parisienses. Que é elle quem advinha e descobre genios e talentos para os vir impôr á admiração do mundo inteiro. Que Alexandre Dumas seria ainda a estas horas um pobre diabo sem nome e sem dinheiro se a Princeza Trez Estrellas na sua frisa da *Comedia* não tivesse praticado a caridade de pronunciar o nome do auctor da *Princesse de Bagdad* diante de duas amigas que a escutaram. Que Coquelin ainé seria ainda um simples comparsa de scena se o Marquez de Z... não tivesse asseverado no *cerale* aos seus companheiros de sala d'armas, ao voltar d'uma recita do *Ruy-Blas* — que aquelle sujeito tinha talento!

Penfeito engano...

Esse apregoado *Tout Paris* nem faz nem desfaz reputações. Acompanha simplesmente a moda. E quando um individuo foi consagrado pela moda, quando em todos os cantos de Paris se falla n'esse individuo, quando os editores o disputam e os theatros lhe abrem as portas de par em par, então é que o *Tout Paris* manda preparar o coupé para o ir applaudir — de olhos fechados!

E depois, o *Tout Paris*, este « Paris inteiro », não passa d'uma insignificantiissima molecula de Paris, a molecula frivola, mundana, superficial. Tudo quanto admira e tudo quanto applaude é inconscientemente; apenas por luxo, apenas por desatino — quando já o grande Paris e ás vezes mesmo o estrangeiro tem applaudido e admirado.

E' como as senhoras que assistem nas galerias, a uma sessão interessante da Gamara dos deputados. Vão lá para saber como caminham os negocios do Estado? Vão lá para saber se o governo effectivamente merece um voto de confiança ou deve ser forçado a dar a sua demissão?...!

Falla Fulano, um grande orador, um grande virtuoso que diz phrases que equivalem a meia duzia de notas que Sarasate arranca ás cordas do violino; ou Rubinstein ao ventre d'um piano d'Erard. E as senhoras limpam cuidadosamente os crystaes das suas *longuettes* para analysar Fulano, para verem se a sua presença equivale á sua rhetorica, se o seu bigode é tratado com escriptulo, se a sua cabeça é digna de repousar no seio d'uma mulher adoravel que o queira possuir!

O mundo feminino não quer saber se o orador Fulano, ao tratar da exportação da batata e mais da corticia, praxou á camera e ao paiz que o ministro da agricultura nada tem feito em favor da corticia e mais da batata. O que o mundo feminino quer, a razão por que o mundo feminino ali está n'aquella galeria, amaretoando as *toilettes* em cadeiras ordinarias, e dando a Fulano a honra de oitar através dos limpidos crystaes das suas *longuettes* — é para ouvir da bocca de Fulano aquellas variações de phrases quentes e colonidas que deixam advinhar

um apaixonado e um poeta na intimidade perfumada d'um saão! E para ver o seu gesto largo e opulento, os seus braços descrevendo curvas amorosas, e mais as mãos de Fulano, aquelles mãos brancas — unhas cor de rosa e dedos carnudos onde brilha de quando em quando o sorriso azul d'uma saphyra, mergulhada no ouro claro d'um bonito anel inglez...

Assim é o *Tout Paris* quando recebe nas suas salas Daudet ou Sardou, Coquelin ou Carolus Duran.

Mas quando Daudet não tinha com que pagar um *beef* para o seu almoço teado já escripto as *Amoureuxs*; mas quando Sardou andava de porta em porta mendigando a honra de lhe lerem as suas primeiras peças; mas quando Coquelin era ainda um ignorado com muito talento e Carolus Duran não encontrava quem lhe comprasse uma tela — quem é que os comprehendia, quem é que seguia passo a passo as evoluções do seu talento, quem é que os applaudia? O *Tout Paris*? E a porventura o *Tout Paris* que lhes comprehendia o talento e que lhes dava a mão para que subissem?...!

Qual historia! Era o publico anonymo o publico dos jornaes obscuros, dos livros baratos, dos theatros a baixos preços, o publico que muitas vezes se diz que não é illustrado mas que tem uma alma para sentir e para comprehender; a massa, como se escreve desdenhosamente, que lhes fazia pouco a pouco a reputação, que os applaudia, que os apregoava, que os impunha — que forçava (forçar é o termo) esse *Tout Paris* a voltar a sua cabeça frivola e prestar attenção aos que effectivamente tinham talento!...

E foi então para o *Tout Paris* poder ler Daudet ou Coppée que se mandou fundir um bom e bello elzevir, que se mandou buscar um bom papel de Hollanda, e mais uma tinta muito fina e um optimo impressor, e se fizeram as caras edições de luxo com lindas aguas-fortes e encadernações douradas — por que as mãos cor de rosa das frageis mundanas não podiam tocar nos volumes ordinarios de 3 francos e 50 que o vulgo compra á porta d'um livreiro, com um desconto caritativo de 75 centimos.

Confessemos que é delicioso — e adoravelmente ridiculo!...

E' por isso que o *Tout Paris* nada contesta e nada destroe. Quando elle é forçado a voltar a cabeça já a opinião está formada, já o talento se affirmou, já o artista é applaudido e é celebre.

O *Tout Paris* vem depois para dar a nota chic, a nota elegante, entre o grande publico que já bateu as palmas.

Só vai ás primeiras representações dos auctores consagrados ou dos theatros na moda. E quando não são primeiras quando vai aos espectaculos correntes, não pensa que em qualquer noite comprou o seu camarote ou o seu fauteuil de balcão e se sentou ao lado do publico anonymo que vai apreciar a obra d'arte sem pensar em fazer pose.

Não! O *Tout Paris* assim como tem as suas edições de luxo para ler prosadoras e poetas, também tem as suas noites de luxo para ir ao theatro.

Na *Comedia Francesa* só escuta Moliere, Hugo, Dumas ou Augier, as terças-feiras. Só vai ouvir Massenet e Léo Delibes as quintas e *Opera-Comica*. Só vai ouvir Gou-



noil ou Ambroise-Filhomaz as sextas a Grande Opera.

N'esses noites, o mais obscuro e o mais honesto dos mortaes, que tenha vestido a sua casaca e mettido na algibeira o prego d'um cadeiro ou d'um camarote não encontram-se n'esses theatros um unico lugar.

B' o *Tout Paris* que está lá dentro. Espectaculo em familia. *Soirée* no alto mundo. Todos se conhecem na plateia, todos se conhecem pelos camarotes. A plateia faz a contagem camarotes. E trocam-se sorrisos... e trocam-se olhares... e aban-se tres vezes a cabeça para se dizer que está bom, muito obrigado... hontem uma nevralgia... cousa ligeira... mais passou logo... logo... com a morfina! Na scena represento-se Molière. Na plateia os homens conversam de politica, de Bolsa, de cavallos e d'amantes. Nos camarotes as senhoras fallam de *toilettes* e de recepções. Ninguém se importa com Molière. Coquetaria, sobre a scena, solta uma gargalhada mais alta. Todas as cabeças se voltam com surpresa. Os homens julgavam-se no club e as senhoras nos seus salões! E' a grande scena das *Pecuniares Ridentes*. Ha um cunco e profundo silencio. Uma princeza na moda exclama da sua frisa, como que arreastado pelo entusiasmo, mas só para se fazer notar: «Adoravel!...» E todo o publico a exclamar ao mesmo tempo, n'um rumor de gente que assiste á missa: «Adoravel... adoravel!...»

Ouve-se uma surda salva de palmas — pessoas que batem levemente com as pontas dos dedos sobre as costas da mão esquerda. Os leques batem nos parapeitos dos camarotes... Prestou-se homenagem a Molière! — E todos recommencem os dialogos interrompidos até que o panno cae. E o publico perde-se pelos corredores e pelo foyer, esperando corajosamente que a campainha toque, que de novo o panno suba — e que a peça acabe!

Mais o auctor moderno precisa também que este publico o applaude, que este publico o admire e o festeje. Especialmente o publico feminino. E' de tanto orgulho saber que cabecinhas tão loucas e tão formosas também se inclinam sobre o seu livro aberto sobre os delicados joelhos; saber que aquellas phrases tão quentes que um fino artista produziu, são devoradas com febre e prendem longos minutos a attenção d'uns olhos que tornariam muito feliz alguém — se elles fitassem esse alguém apenas por dois segundos!...

E depois, embora por luxo, embora por moda, abrem-se-lhe as portas dos afamados salões. *Monde où l'on s'amuse*... mas só ali se encontra o mundo official e só ali, na maioria dos casos, se resolve se as portas da Academia se devem abrir de par em par, para receber triumphalmente aquelle que a multidão já ha muito consagrou.

Foi assim que entraram para lá — Dumas, Sardou e ultimamente Coppée. E' assim que ha-de entrar em breve Alphonse Daudet.

Os salões de Paris são ainda uma grande força, que todo o homem de talento precisa conquistar e ter sempre ao alcance da sua mão. E' muitas vezes mais seguro e mais prudente ter do seu lado o sorriso d'uma mulher — que a protecção de seis ministros!...

MARIANO PINA.

## IGNÓRIA DE A

De teus olhos a languida voluta

Acompanha dum tom miserioso

A tua voz suavissima de peita,

E o teu doce perfil religioso.

Se uma luz branda e meiga se desata

No teu vulto frangido, vaporoso,

Nossas almas tranquillitas arrebata,

— Andorinhas num nin rummoso.

Seu procyte, e vejo-te, e contemplo,

Um tanto a ti, a immensa paz d'um templo.

Onde as santas, severas, medievae,

Vão á noite, sombrias, suspirando,

Atravez das aboboadas buscando

O clarão das estrellas innocentes...

Agosto, 1884. — Porto.

Joaquim de Araújo.

## PEDRO LUIZ

JORNALISTA, POETA, DEPUTADO, ADMINISTRADOR, ministro e homem da mais fina sociedade fluminense, pertencendo este moço á geração de 1840 que começou por 1860.

Chamava-se Pedro Luiz Pereira de Souza, e nasceu no municipio de Araruama, provincia do Rio Janeiro, a 13 de Dezembro de 1833, filho do commandador Luiz Pereira de Souza e de D. Maria Carlota de Viçorbo e Souza. Era formado em sciencias sociais e juridicas pela faculdade de S. Paulo.

Começou a vida politica na folha de Flavio Farnese, a *Actualidade*, de collaboração com Lafayette, Rodrigues Pereira, actualmente senador, e com Bernardo Guimarães, o mavioso poeta mineiro, ha pouco fallecido. Ao mesmo tempo iniciou vida de advogado no escriptorio de F. Octaviano.

Essa primeira phase da vida de Pedro Luiz dá vontade de ir longe.

A figura de Flavio Farnese, surge debeiro da penna e iacila a recompor com ella uma quadra inteira de fé e de enthusiasmo liberal. Ao lado de Farnese, de Lafayette, de Pedro Luiz, vieram outros nomes que, ou cresceram tambem, ou pararam de todo, por morte ou por outras causas. Sobre tal tempo é passado um quarto de século, o espaço de uma vida ou de um reinado. Ouve-se para elle com saudade e com orgulho.

Comheci Pedro Luiz na imprensa, lámas ao senado tomar nota dos debates, elle, Bernardo Guimarães e eu, cada qual para o seu jornal. Bernardo Guimarães era da geração anterior, companheiro de Alvares de Azevedo, mas realmente não tinha idade; não a teve nunca. A nota juvenil era nelle a expressão do humor e do talento.

Nem Bernardo nem eu iamos para a milicia politica. Pedro Luiz, dentro de pouco foi eleito deputado pelo 2º districto da provincia do Rio de Janeiro com os conselheiros Manoel de Jesus Valdetaro e Eduardo de Andrade Pinto. A estreia de Pedro Luiz na tribuna foi um grande successo do tempo, e está commemorada nos jornaes com a justiça que merecia. Tinha-se de um projecto concedendo um pedço de terra a um padre Januário, lazzarista. Pedro Luiz fez d'esse negocio insignificante uma batalha de eloquencia, e proferiu um discurso cheio de grande alento liberal. Sardaram-lhe em frente dois adversarios respeitaveis: o conselheiro Pinto de Campos, que reunia aos sentimentos de conservador, o caracter sacerdotal, e o Dr. Junqueira, actual senador: eram dons nomes feitos e tanto bastava a honra e extenuante orador.

As vicissitudes politicas fizeram-se sentir em breve.

Pedro Luiz não foi reeleito na legislatura seguinte. Em 1868, cahida a situação liberal, o conselheiro Octaviano tratou da fundação da *Reforma*, e convidou Pedro Luiz, que alli trabalhava ao lado da fina flor do partido.

Intão, como antes, cultivou as letras, deixando algumas composições notaveis, como *Os Voluntarios do Monte*, *Tenacidade*, *Luiz*, *Urtidões*, e *Nomes Machados*. A primeira destas tinha sido recitada por elle mesmo, em uma casa do rio da Quitanda, onde se reuniam alguns amigos e homens de letras; e foi uma revolução de primeira ordem. Recitada depois no theatro e divulgada pela imprensa, correu o rumor e atravessou o oceano, sendo reproduzida em Lisboa, donde o Visconde de Castilho escreveu ao poeta dizendo-lhe que essa ode era um rugido de leão.

Todas as demais composições tiveram o mesmo effeito. São, na verdade, cheias de grande vigor poetico, raro calor e movimento lyrico.

Não tardou que a politica activa o tomasse inteiramente. Em 1877 subiu ao poder o partido liberal, e elle tomou a Camara dos deputados, representando a provincia do Rio de Janeiro. A 28 de março de 1880, organisando o Sr. senador Saruiva o seu ministério, chamou a Pedro Luiz a pasta dos negocios estrangeiros, para a qual pareciam indical-o especialmente as quaesdaes pessoas. Nem occupou somente essa pasta; foi successivamente ministro interior do marinha, do imperio e da agricultura.

No ministério da agricultura, que elle reger duas vezes, e a segunda por morte do conselheiro Buarque de Macedo, encontraram-se os seus trabalhos juntos, como em 1860, mas elle agora ministro de Estado, e eu tão somente official de gabinete. Cito esse circumstancia para afirmar com o meu testemunho pessoal, que esse moço, supposto sybarita e indolente, era nada menos que um trabalhador constante e activo, zeloso do cargo e da pessoa; todos os que o praticaram de perto podem attestar isto mesmo. Deixou o seu nome ligado a muitos actos de administração interior ou de natureza diplomatica.

Posto em execução a reforma eleitoral, obra do proprio ministério d'ellen conselheiro Pedro Luiz, que então era ministro de duas pastas, não conseguiu ser eleito. Aceitou a derrota com o bom humor que lhe era proprio, embora tivesse de palestrar na legitima audição politica; mas estava moço e forte, e a derrota era das que lauream. Não ter algunos centenos de votos é apenas não dispor da continuação de outras tantas pessoas; coisa que não prejudica nada. O desdouro seria cahimial, e elle cahiu com gentileza.

Pouco tempo depois foi nomeado presidente da provincia da Bahia, donde voltou enfermo, com a morte em si. Na Bahia deixou verdadeiras snadades; era estimado de toda a gente, respeitado e bem quisto.

O organismo, porém, começou a deperocer, e o repouso e tratamento tornaram-se-lhe indispensaveis; alcançou e demissão do cargo e regressou á vida particular.

Falleceu na sua fazenda da Barra Mansa, ás 4 horas da madrugada do dia 16 de julho do corrente anno de 1884.

Era casado com D. Amélia Vallim Pereira de Souza, filha do commandador Manoel de Aguiar Vallim, fazendeiro do municipio de Bananal, e chefe alli do partido conservador. Um dos jornaes do Rio de Janeiro mencionou esta circumstancia:

«Tal era a amenidade do caracter de Pedro Luiz, que, a despeito de suas opiniões politicas, seu sogro o prezava e distinguia muito, assim como outros muitos fazendeiros importantes daquelle municipio, sem distincção de partido.»

Ninguém que o praticou intimamente deixou de trazer a impressão de uma verdadeira personalidade, podendo accessivelmente que elle não deu tudo que era de esperar do seu talento e que valia ainda mais do que a sua reputação.

Posto que um tanto septic, era sensível, profundamente sensível, tinha instrução variada, gosto fino e puro, nada trivial nem chafin; era cheio de bons dits, e observado, como raros.

MACHADO DE ASSIS.





## O DINHEIRO DO PAPA

(DESENHOS DE S. ARGOS)

**O** H Fricassé?

— Que deseja, meu amo?  
— Fica sabendo que Sua Santidade Pio VII deve chegar amanhã à nossa terra.  
— Chega? Ainda bem! Quem vai ficar contente, mas mesmo muito contente, é a minha mulher.

— Escum Fricassé. Tanto te por um bom homem, por um homem ás duras, e por um excelente cocheiro.

— O melhor de todos, meu amo. Nenhum me leva a palma aqui por estes sitios.

— Além d'isso, tu és pai de trez filhos.

— De quatro, meu amo. E o quinto está em caminho. E espero em Deus que ainda não haide ficar por aqui...

— Está bom, está bom... Pois se tu me promettes que és capaz de cumprir como deve ser cumprida uma

sagrada missão, é a ti que a confio.

Fricassé abriu muito os olhos, coçou a cabeça, como se se tratasse d'alguém coisa sobrehumana.

— Promettes? Insistio o mordomo do paço episcopal.

— Palavra de rei, que prometto!

— Bem! Ora fica sabendo, Fricassé, que és tu que vais ter a honra de conduzir o Nosso Santo Padre à igreja de Ponturac. Agrado-te o serviço, Fricassé?

— Se me agrada, com mil dem... Se me agrada? Ainda o meu amo não pergunta. Uma boa gorjeta que eu vou apanhar, que ainda ha-de valer mais que uma garrafa d'aguardente. Nunca Fricassé pensou ter relações com o dinheiro do Papa. E ha-de ter bem boas peças no seu saquinho, o santo homem. E não foi por uma navalha velha que elle se incommodou a visitar cá os sitios e prelidizer uma missa á igreja de Nossa Senhora. Aquelles é que

o dinheiro não custa muito a ganhar! Que contem riquezas d'aquelle sr. Papal... Dizem que é uma coisa por hi além!

— Pois sim, sim. Seja o que for, o que eu não quero é que tu futes amanhã, ao meio dia em ponto, á porta do paço. Ouvieste?

— Esteja descansado, meu amo. Ao meio dia em ponto. E vou-me recolhendo. Com sua licença... Meito bons noites!

— Bons noites, Fricassé!

No dia seguinte, ao meio dia, Fricassé, de redeas na mão, fitas novas no chapéo, Fricassé, barbeado de fresco, escovado, penteado, empomadado, ostentava-se orgulhosamente em cima da almofada da berlinda pontifical, postada em frente da altissima e larguissima porta do paço episcopal.

— « Sobretudo, tinha-lhe recommendado a mulher, tem cautella



em não praguejar como é teu costume. Pensa na pessoa que vais conduzir.

— E' um italiano, respondera Fricassé. Não percebe palavra do que eu digo, e se me esquecer, e se praguejar, para ali como um damnado, ha-de imaginar que estou rezando o Padre-nosso; Não teahas medo, mulher!

Deu meio dia, — meio dia e um quarto: e nada de Papa.



Fricassé, em cima da almofada, impacientava-se, rogando já a sua praga.

São meia hora na cathedral; abre-se a porta. Enfim! Eis que surge uma onda de sotainas: sotainas pretas, sotainas cor de violeta, sotainas encarnadas; diaconos, acolytos e camaristas; um mundo d'igreja, também salpicado de casacas bordadas, d'uniformes, de penachos e de chapéus de plumas. Um minuto de confusão; depois o cortejo formou-se; os penachos inclinaram-se respeitosamente, e as casacas bordadas fazendo uma longa reverencia ajoelharam-se em filas diante do Homem Branco que avança, os dois dedos erguidos solememente, semeando bênçãos com profusão.

Que bonito que era o Papa! Olhos muito pretos, humidos, um grande nariz á italiana, bocca grande... talvez para sorrir melhor. Parecia um santo!

Eil-o que sobe para a berlinda; fecha-se a portinhola. Bate, cocheiro! O Papa espalha mais bênçãos. Fricassé atira duas pragas e a carroça fere lume sobre as pedras da calçada.

« Eh! Eh!... Arreda!... »

A villa continua de joelhos, boquiaberta, espantada, seguindo com a vista berlinda e cocheiro que vão fugindo.

« Eh! Eh!... Arreda!... »

A berlinda vai n'uma boa carreira.

E Fricassé, o chapéu cabido para cima da orelha, Fricassé assobiando uma cançoneta, vai pensando no melhor modo de gastar a boa gorgeta que lhe vai dar o Papa...

Tanto para a saia nova da mulher: tanto para as calças e para os sapatos dos rapazes... sem esquecer algumas moedas para a algibeira, para quando Fricassé precisar refrescar a guella com o seu copito de aguardente...

Ah, como vai ro'ar o dinheiro do Papa!

E flic e flac! E só se ouve estalar o chicote! Nem subidas, nem descidas; sempre a mesma marcha, sempre a mesma velocidade até Ponturac.

Eis-nos chegados. Aquellas torres, que acolá se vêem subir por cima dos telhados, são as torres de Ponturac.

« Alto frente! »

Atirando com as rédeas ao primeiro moço que apparece, Fricassé desce da almofada, e dando encontrões em padres e lacaios, vai-se collocar, de joelhos, diante de Sua Santidade.

O Papa aproxima-se lentamente, e pára.

Eis o grande momento, Fricassé!

A sombra d'um bom gesto alonga-se sobre a sua cabeça...

O Papa continuou o seu caminho.

E a gorgeta? Onde está a gorgeta?... Nada!

Nada no chapéu, nada na palma da mão. Nem uma amarella, nem uma branca, nem mesmo uma miseravel moeda de cobre.

A bênção sécca... sem mais nada!

Que quer isto dizer?

Um esquecimento sem duvida. O imperador dos padres ainda não podia ter dito a ultima palavra. Veremos d'aqui a bocado.

E quando o Papa, depois de ter abençoado o seu clero, appareceu no limiar da porta, encontrou Fricassé, Fricassé de joelhos, mãos postas, chapéu em terra, attencioso, humilde, submisso como um cão.

Oh! o bom, o exemplar cocheiro! Repare, Santo Padre; e acredite que não encontra outro tão devoto em toda a christandade.

O Papa continua o seu caminho. Abençoa para a direita, abençoa para esquerda, abençoa quando sobe para o carro; a portinhola fechada, ainda continua a abençoar: a berlinda parte, e o Papa abençoando sempre.

Bênçãos, bênçãos — e mais nada.

— « Avarento! » grunhiu Fricassé levantando-se, e sacudindo com o lenço a poeira dos joelhos.

Quando entrou á noite em casa, Fricassé estava devéras furioso e envergonhado. Mais envergonhado, que furioso.

Todos esperavam anxiosamente por elle.

Um Fricassésito ao colo, mais dois agarrados ás saias e um quarto deitado aos pés, a mulher de Fricassé estava já saboreando a chegada do marido.

Apenas o viu ao longe:

— E então o Papa? O que é que te disse? O que é que te deu? Deixa ver a gorgeta!

E Fricassé:

— Não tenham prêssu, e obedeçam-me immediatamente. Todos de joelhos.

— Para quê?

— De joelhos, já disse.



Uma... duas!...

E quando todos, grandes e pequenos, se ajoelharam, Fricassé, magestoso, a cabeça um pouco inclinada para traz, o gesto solemne e religioso, lançou a cada um a sua bênção.

— Tomem lá isto, meus filhos, e guardem nas algibeiras. Aqui está o que é o dinheiro do Papa!

GIL VICENTE



## UM BANHO NO HAMMAM

(NOTAS SOLITAS)

**H**AVIA muito tempo que eu resumava a ideia de ir tomar um banho ao Hammam. Estas duas syllabas d'um timbre tão oriental evocavam diante de mim todo um mundo chimérico mas resplandecente. Quando se está aliado do bom lado dos 30 annos, e quando se é aliado por clima um mau poeta, basta ás vezes uma palavra, um som musical, um vago perfume para que esta doida que habita a agua furtada do pobre edificio humano vista á pressa as suas azas de gaze com ocellos de esmalte, e se evola para um dos quatro cantos do horizonte.

Desta vez era para o oriente que ella voava e tudo quanto quinze annos de leitura de romances de Chateaubriand, de poemas de Byron, de balladas de Hugo e de viagens de Gauthier haviam depositado no meu cerebro em imagens, em troços, em termos technicos de architectura bysantina, em versos sarapintados de cores, em rimas capitalistas, subia-me á flor da memoria como a areia de ouro á superficie d'um rio. Se fechava os olhos eu não via senão janellas germinadas, porticos lutebados, arabescos vertiginosos, divans flexuosos, columnas d'uma fragilidade hyalina, piscinas d'um só bloco de marmore, todo um Alhambra, resplandecente de cores, abstrindo deante de mim as suas portas tauziadas de inscripções do Koran de par em par, sobre perspectivas infinitas, galerias rendilhadas, arcos transparentes como abertos em nacar, por onde se coava o luar semeando os muros de tufulos brancos.

Hão-de dizer talvez que é necessario uma grande dose de boa vontade para architectar construeção tão complicada sobre tão exiguo alicerce. Meu Deus, eu não o nego. Queira porém confessar que mesmo na vida real os pontos de partida são estreitos. O espaço de asphalto em que se firma o pé para subir ao wagon do Orient-Express, a prancha de madeira que nos conduz ao paquete do Pacifico não são realmente pontos de apoio de consideráveis dimensões, e contudo em breves dias ali estamos nós em pasmaceira deante de Santa Sophia ou banhamo-nos á sombra d'um coqueiro perfumado. Voltando porém ao Hammam, outra coisa havia tambem que me exacerbava a curiosidade. Era o *ur mystérieux* dos que já lá tinham ido, o piscar de olho, o risinho cheio de sublinhas, uma certa maneira de abanar a cabeça que me fazia logo pensar em aventuras romancescas a cujo desenlace estivesse estreitamente ligada a elasticidade flexuosa dos divans e a doce claridade coada através de cortinados cor de rosa. Chegeria a esse ponto o vigor da cor local? O banho principiado em Paris findaria realmente em pleno paraíso mahometano? Haveria *hamams* autenticos, expressamente escripturados para servir o café e os licores na hora voluptuosa da sesta? Porque não? A palavra *impossível* não é persistente sobretudo em assumptos d'esta ordem. Senão que o digam os boulevardiers deante da Magdalene a Praça da Republica, a partir das 7 horas, o *Café Americain* depois da meia-noite, e sobretudo essas pasmaceiras lojas do bairro da Opera, donde se entra para comprar um par de luvas e d'onde se sae com um par de razões para nunca mais lá voltar...

Na primeira vez que fui a Paris não pude satisfazer este capricho balnear. Um bilhete de ida e volta, logo e inexoravel como um mutante israelita, concedera-me trez dias apenas, que passaram como esses panoramas que a gente avista através as portinholas dos expressos. Mariano Pina foi o chefe de trem n'essa viagem doida através da grande cidade. Ainda stano um catatino ao pensar n'esses trez dias.

Aquillo foi um turbilhão, um delicio, uma visão de Haulous Seas, um sonho de anbaat!

De vez em quando eu queria parar. Mariano gritava: «Avante!» E pulavamos das torres de Notre Dame para o zimbório dos Inválidos, dos labyrinthos do Louvre para os minaretes do Trocadero, dos hombros de S. Miguel para os de Napoleão Bonaparte, ageis, incansaveis, freneticos, como se dentro de nós houvesse um demonio atacado de chareira ou como se cumprissemos um fadario de lobishomens. Hurrá! gritava Mariano Pina, e eu excluido por esse brado lá lá atrez d'elle, como Fausto atrez de Mephistopheles, n'aquella galopada doida através das tentações, das chiméras, das visões enebriantes da Opera, dos monstros pisciformes do Bullier. Quando, passados esses trez dias e depois de nove horas sedativas de wagon, me vi resclinido ao meu pequeno interior bordelez, tão silencioso, tão pacato, tendo em frente da sua modesta fachada a melancolia d'um hospital e um pouco mais longe a claridade tranquillizante d'um lago d'onde ao tombor da noite vem o clangor abafado da *retraite*, julguei desparar d'um sonho de fumador de haschisch, e, palpando os meus ossos, para vér se estavam todos no seu lugar, perguntei a mim mesmo como sem duvida o fez o personagem biblico, se era bem certo que estivesse no ventre da baleia.

Quando voltei a Paris, realicei o meu projecto. Lembro-me de que foi n'um dia agreste e frio que me apeei á porta do Hammam, de cuja fachada conservo uma ideia confusa. Recordo-me apenas que no meio das casas graves e burguezas da rue Neuve-des-Mathurins ella prouduz á vista suprehensivel do estrangeiro o effeito que lhe causaria a presença inopinada d'uma odaliska, surgindo no meio de uma turba civilizada de *doutumiers* e de chapéus de telha.

Logo que entrei, um homemsinho, incompendido d'um postigo, me reclamou a contribuição previn de 5 francos, que no estado de espirito em que então me achava, me pareceu a mais modica das sommas por que razoavelmente se poderia ser admitido á presença do divino Mahomet.

Um corredor estreito e de tecto baixo, um verdadeiro corredor de paquetes, alongava-se deante de mim. Para completar a similitude via-se de cada lado uma fila de pequenas *cabines*, n'uma das quaes se ia passar o 1º acto do drama hydrotherapico de que eu era o protagonista. Um creado de casaca e gravata branca veio-me ao encontro e pediu-me que lhe entregasse meus valores. Não foi sem um suspiro tão cavo quão apprehensivo que vi o meu relógio e a minha bolsa desaparecerem nas profundidades d'uma gaveta, que me pareceu n'esse momento — perdê-los-me o romantismo da imagem — um vórtice insensível. Devo porém acrescentar, para honra do estabelecimento, que uma hora depois o vórtice me restituiu aquelles objectos em perfeito estado de conservação.

O mesmo creado me conduziu em seguida até á porta d'uma das *cabines*, cuja mobilia consistia n'um banco de madeira, n'um espelho e n'um cabide, tal qual como uma barraca de banhos. Foi no meio d'estes exploradores orientaes que eu troquei meu complicado vestuario europeu pela elegante singeleza d'uma simples toalha de riscado e d'umas *babouches* de palha.

E agora o momento ou nunca d'uma lavacção como se usa nas epopeias. Leitura ingenua e virginal, que lês com um sorriso benevolente esses despreiteiosos impressões d'um compatriota, *en rupture* do Pote das Almas, affasta depressa os teus olhos cor do dia ou cor da noite — em qualquer dos casos, cor do céu — affasta, repito, os teus olhos d'este ponto da minha narrativa, o fimde não vóres abrir-se a porta da *cabine* e dar passagem a um ser magro e esgalgado, trapeando uma folha de vinha de riscado azul, uma luneta e umas *babouches* de palha. Esse ser sou eu, transformado n'um

turco provisório e comprometido, a quem um guia servil veio conduzir á entrada d'um pequeno corredor dos Dardanellos que n'um abrir e fechar de olhos me transportou da correcta civilização boulevardiana ao mais intenso sybaritismo oriental.

Achei-me em frente de uma porta envidraçada a vitraux que se abriu de subito. Recuei por instinto. Vinha de lá de dentro um vapor espesso, um halito de fornalha que me fez cambalear. Vencida esta primeira impressão penetrei no recinto mysterioso. Só alguns momentos depois pude distinguir nitidamente os objectos. Das columnas avistavam-se recessos mysteriosos, especie de alcovas sem portas, alongando enormemente a perspectiva, e onde se agitavam formas confusas, parecendo por vezes lutar com furia e outras immobilisando-se em attitudes inverosimilias. Vielhun de lá ramores extranhos, phrases intercortadas, sons d'um timbre original, que se poderia talvez exprimir pela syllaba *platch!* accordando uma sensação de gordura mole e molhada, canções de agua espadante em jorras que enchiam o ar de frescura. No centro do recinto alvejava um disco de marmore de cincoenta ou sessenta centímetros de altura em torno do qual se refastelavam em cadeiras de lona, cinco ou seis individuos na mesma toilette paradisíaca em que eu me achava. De um para outro lado, transportando baldes d'agua, toalhas, esponjas, circulavam silenciosamente os servigos do estabelecimento — entre os quaes um magofoito prego de seis pés de altura — cujo traço se distinguia do trajo dos banhistas por consistir n'uns pequenos calções a meio da coxa em vez da tanga de riscadinho azul.

E' me impossível communicar as impressões por que passei logo que, sentado n'uma das cadeiras de lona, pude circumvagiar a vista pelo local em que estava. Confesso que me sentia muito perturbado, ignorando o modo por que me havia de conduzir n'aquelle passo da minha vida. Esta impressão de resto nada tem de extraordinario para mim. Toda a minha existencia tenho sido uma vicissitudo d'ella, mesmo nas occasiões mais simples e banais, — a ponto de mal poder faltar e de sentir o coraçoão bater até a bocca, no instante de entrar n'uma sala onde estão meia dúzia de pessoas familiares e amigas. O receio vago d'um ridiculo possível, d'uma queda de costas, d'um cumprimento desastrado, d'um espirito imprevisito bastam a agitar-me como se me achasse em frente d'um verdadeiro perigo. Alii então, no meio d'aquella sociedade desconhecida, sentia-me tão deslocado, tão ignorante do que se ia passar, tão provinciano, como o meu panniño de riscado atado em volta da cintura, que não atinava com a attitude que havia de tomar na minha cadeira e a minha confusão subiu de ponto quando, por não saber o que havia de fazer dos braços que me pareciam leves como canetas de cortiça, pratiquei, para me dar um certo ar á vontade, metter as mãos nos bolsos, sem me lembrar de que estava n'á!

Felizmente os meus 5 ou 6 companheiros estavam de tal modo absorptos na leitura dos jornais de manha que não deram attenção ao meu embaraço. Puz-me então a analysar os, mas, ai de mim, já tanta agua passou de baixo das pontas depois d'isso, que os seus perfis se me desvaneceram da memoria. Lembro-me apenas d'um inglez enorme, ruivo, de suíças brancas, que transpirava com uma energia realmente notavel. Viu a saber que era um commodoro reformado, yello freguez do estabelecimento, que seguia um terrível tratamento hydrotherapico para combater uma obsessão pectiaz. Com os pés sobre o disco de marmore, recostado confortavelmente, o *Times* á altura do nariz, o velho commodoro digeriu o *leading article*, parecendo absolutamente insensível aos 45° de temperatura ambiente que o transformavam n'uma verdadeira escuta.

Decorreram assim 15 minutos talvez. Eu já



não podia mais. Dirigi-me ao preto e perguntei-lhe o que havia de fazer. Com grande espanto meu, tomou-me pelo braço e conduziu-me a um pequeno quarto mobilado com um divan de marroquim. Apesar da franquez inintelligível do meu guia, pude comprehender que era necessário permanecer 5 minutos dentro do tal quarto. Isto que a principio pareceu a coisa mais simples d'este mundo, começa a não o parecer tanto, logo que se saiba que assim que puz um pé sobre o asphalto que servia de sobrado, o levantei no ar, saltando um grito. Esta operação porém obrigou-me a collocar no chão o outro, que me apressei a recolher logo e assim, com um pé no chão e outro no ar, alternadamente, pude approximar-me do divan no qual me sentei, julgando encontrar n'elle um refugio.

Conhecem o velho cliché que serve para dar ideia d'um movimento rapido, nos romances da boa roda. — *Como que impellido por mola occulta.*

Pois bem, é o momento de a empregar. *Como que impellido*, etc., me achei de novo em equilibrio sobre os calcanhares. O marroquim do divan queimava. O asphalto queimava. Conforme pude, acerquei-me d'um thermometro centigrado, suspenso d'um bico de gaz. Marcava 80 graus!

Entretanto sentia o pulso acelerar-se, o suor borbulhava-me da pelle, as fontes batiam-me com violencia, o coração parecia querer romper-me o peito. Chamei o negro, que me levou para uma das alcovas contiguas á sala circular e me obrigou a estender-me sobre uma especie de leito de mármore, tendo por simples travesseiro um rolo de madeira.

Então começou uma scena cuja recordação me faz ainda hoje arripiar todo. Assim que me apanhou estendido sobre o leito de pedra e para me dar sem duvida uma ideia summaria das amenidades que me esperavam, o preto principiou por me torcer um, depois do outro, os dedos das mãos e dos pés, a ponto de elles exhalarem estalidos de pura afflicção. Depois entrelaçando na minha a sua mão comprida e larga como a espada d'um carneiro Dishley, esticou-me um dos braços com toda a força, apoiando a outra mão no meu hombro, curvou-me esse braço tres ou quatro vezes e quando lhe pareceu que era bastante, passou a fazer o mesmo ao outro. Acabada esta tortura entrou a beliscar-me, a arrepinhar-me, a esfregar-me, a amolgar-me, a amassar-me, a dar-me grandes palmadas com a mão óca e isto sorrindo, cantolando, mostrando os seus dentes brancos que hinhavam através da polpa carnuda dos seus labios de cinábrio. Pouco a pouco sentii as forças diminuírem, exgotarem-se, escaparem-se pelas extremidades, como um fluido subtil, uma lassidão invencível apoderou-se-me dos membros, parecia-me ter nas palpebras um peso enorme. Fui então durante alguns minutos um pedaço de argilla plastica nas mãos de um estatuario preto — especie de argamassa toscamente modelada, que elle tentava corrigir das imperfeições naturaes, com o fim secreto talvez de humilhar o Creator. Meu grado meu, a ideia absurda de que ia sair das mãos do preto muito differente do que era e de que nunca mais conseguiria voltar á minha primitiva configuração, quando acabasse aquella sessão de modelagem *in anima villi*, enchia-me o espirito d'um vago terror, não que eu tivesse muito a peito o conservar as minhas formas primitivas, — oh! não, antes pelo contrario! — mas pela serie de aventuras e surpresas que seriam as consequências naturaes do meu involuntario *avatar*. A fadiga soporifera que se apoderou de mim exagerando as concepções do meu espirito — já eu me via á bulha com toda uma cohorte de embarques, sósinhos no meio de Paris enorme, repudiado pelos meus, desconhecido por todos, demittido pelo governo, que nunca reconheceria n'aquelle ser estranho, producto d'uma inspiração ethiope, o funcionario modesto que lhe expede relato-

rios de Bourdeus. Para me livrar d'estas visões importunas, abria um olho vago e meio tonto pelo sommo, mas n'esse instante via junto de mim a grossa cabeça do negro, todo entregue ao seu trabalho implacavel, o seu nariz chato, a sua pupilla lúscida, a sua lácrea e intonsa... e apressava-me logo a fechá-lo, preferindo as extravagancias do sonho áquella preta e hedionda realidade.

Quando não houve na face do meu ser que estava virada para cima nada mais que amassar, o preto virou-a para baixo, erguendo-me em peso no ar, com um leve esforço dos seus bicipites de aço, e depondo-me delicadamente de braços. Confesso que quando me vi com o nariz sobre o tórax de pinho e estendido ao comprimento sobre a cama de pedra com um grande peixe exposto á venda, me senti extremamente vexado, e a unica sensação de consolo que experimentei — (assim é o egoísmo humano!) foi ver perto de mim, n'um leito egual, mas ainda na phase supina do seu supplicio a grande phoca do commodoro inglez, vermelho como um camarão e resfolegando como um cetaceo á tona de agua. Junto d'elle um *masseur*, loiro e estilico como um espargo de malho branco, perdido e folego a amolgar aquella massa enorme. Occureu-me de subito a ideia de mandar o meu preto para o commodoro e de tomar o espargo para mim e ia a manifestar-a, quando me senti partir pelo meio!

O preto appoiara um joelho nos meus rins e carregava com toda a força. Depois, erguendo-me pelos hombros, levou-me para um quarto contiguo. Penetrado d'um fatalismo todo oriental, eu nem sequer lhe perguntei o que é que elle ia fazer de mim.

Aqui os acontecimentos precipitam-se. Estou sentado n'uma cadeira de pau, em frente de uma grande concha de mármore, sobre a qual duas torneiras vertem agua quente e agua fria. O preto desaparece um instante e volta trazendo uma bacia cheia de massa de sabonete de amendoa, espumante, aberta em capulas tenuissimas, como uma mesquita arabe. Unta-me de alto a baixo com fresnel. Todo eu sou um grande pedaço de sabão de amendoa ou uma grande mesquita arabe como quizerem. Em seguida enche outra bacia de metal com agua morna e emboraca-me pela cabeça abaixo. *Hic*, perco a noção de mim mesmo, agito os braços, engulo sabão, salpico de branco o preto que busca tranquillizar-me. Outra camada de sabão tira-me a falla, outra douche de agua morna tira-me o alento. Já não tenho que resistir. Estou alli para o que quizerem. Nova ensaboadella, seguida de nova douche. O preto aterra-se a mim com uma luva de crina e esfrega-me como um desesperado. A minha pelle passa por todos os becos e diexes do vermelho, desde o cor de rosa tenue até o escarlata estridente. Quando me vê pouco mais ou menos secco, leva-me para outra sala. Ah! com uma agulha de bomba, zebra-me o corpo com um jorro de agua fria, de alto a baixo, de lado a lado, vergastando-me, chateando-me, fazendo respingar a agua até o tecto em poeira finissima. Outra fricção! Acabou-se! Ouif! Estou salvo!

Esqueceu-me dizer-lhes que me haviam tirado a luneta no principio do *massage* e que tudo d'ahi em diante se passava n'uma especie de bruma confusa que augmentava o meu atordoamento. Para sair da sala da douche, o preto guiou-me como a um cego. Atravesssei o recinto circular, uma porta abriu-se, senti de repente um degrau do baixo dos pés e agarrei-me ao preto.

— Descá, *moussir*, disse-me elle e como eu me não apressasse, empurrou-me um pouco pelos hombros, o que me fez perder o equilibrio. Vá! Achei-me dentro d'agua até o pescoço, n'uma piscina de mármore, longa de 7 ou 8 metros. A agua exhalava um forte cheiro a cigarro. Puz-me a nadar e em duas brazadas achei-me na extremidade opposta. N'isto ergo os olhos e vejo diante de mim uma figura vestida de branco, que me estende os braços. Céus!

Uma *fenote*? Trepou rapidamente a escada e caiu entre as pregas d'um lençol turco, que me apresentou um ephebo do meu tamanho, com um buccinmaria vestida com uma tunica de linho e possessor da cara mais alvar que tenho visto nos dias da minha vida. O ephebo estregou-me com uma consciencia levada ao escrupulo, embraha-me n'outro lençol secco e conduz-me a um divan, illicido já se sabe, como todos os divans, onde me alongo, todo embrialhado em mantos, a cabeça guarnecida d'um turbante, apoiada em covins d'uma sarja oriental, zebra-da de amarello e azul.

Em frente de mim estende-se um vasto espaço que recorda uma scena theatral vista dos bastidores. De cada lado duas galerias rendilhadas imitam as candeluras d'um grosso Alcazar. Aqui e acolá palmeiras interrompem de colozes verdes dispostos theatralmente para o effecto oriental. Por toda a parte reposteiros manouabes, e *portières* Damat, de cores estridentes comprados provavelmente no *Bon Marché*, mas de sufficiente effecto decorativo, deixam fluctuar os seus dobras tigradas de riscas parallelas. Pelas paredes serpenteiam legendas arabes, arabescos vertiginosos de cujo inextricavel dedalo, a olhar, uma vez captivo, consegue a custo evadir-se. Os vidros de cores tansam uma claridade opalina que ainda outra vez se quebra contra os stores de *salinette* rosa, antes de chegar ás pupillas, transformada n'uma caricia luminosa e meiga. Por entre as columnatas, as pithas de coxins, os puffs e os divans, circulam creados com bandejas mezinhas portateis. Trazem-me um chocolate flanqueado de brioches folas como mousseline. Sinto nos olhos um peso enorme. Um nevoeiro sae da terra e sobe como uma nuvem de magia até o tecto. Tudo se affasta, se distancia, perde o contorno, a cor e pouco depois sinto-me levado através dos espaços por uma theoria de eunuchos pretos, que tem todos a cara bonacheirona do meu *masseur*. O céu abre-se, e Mahomet elle proprio, trazendo pela mão uma *hanum* velada e coberta de gemmas preciosas, avança para me receber ao som de flautas e timbales. Mas tudo se confunde ainda mais. Mahomet perde a gravidade e pretende *massar-me* outra vez. Resisto com furor! N'isto a houri entresbre o feredjé de purpura e desvela-me as fauces do commodoro inglez! E demais! Não posso com tantas emoções! Ponho-me a resonar de despeito!...

Quando me achei de novo na rua Neuve des Mathurins, com o meu chapéu baixo, a minha luneta e o meu sobretudo cor de castanha, senti em mim qualquer coisa de extraordinario. O meu corpo perdera o peso ou a terra em quanto eu dormia perdera a densidade. Parecia-me poder voar com um pequeno esforço. Em quatro pernadas atravessei a rua Auber, continuei para não saltar por cima do zimborio da Opera, gaguei o boulevard da Magdalena e o de Mal-hesherbes (Deus sabe se elle é longo!) em 10 minutos. Quando cheguei a casa levantei o pé para subir um degrau e achei-me no alto do patamar, leve, fresco, risonho, respirando a plenos pulmões, feliz de viver por viver...

Tal é um banho no Hammam.

JAYME DE SERRA.

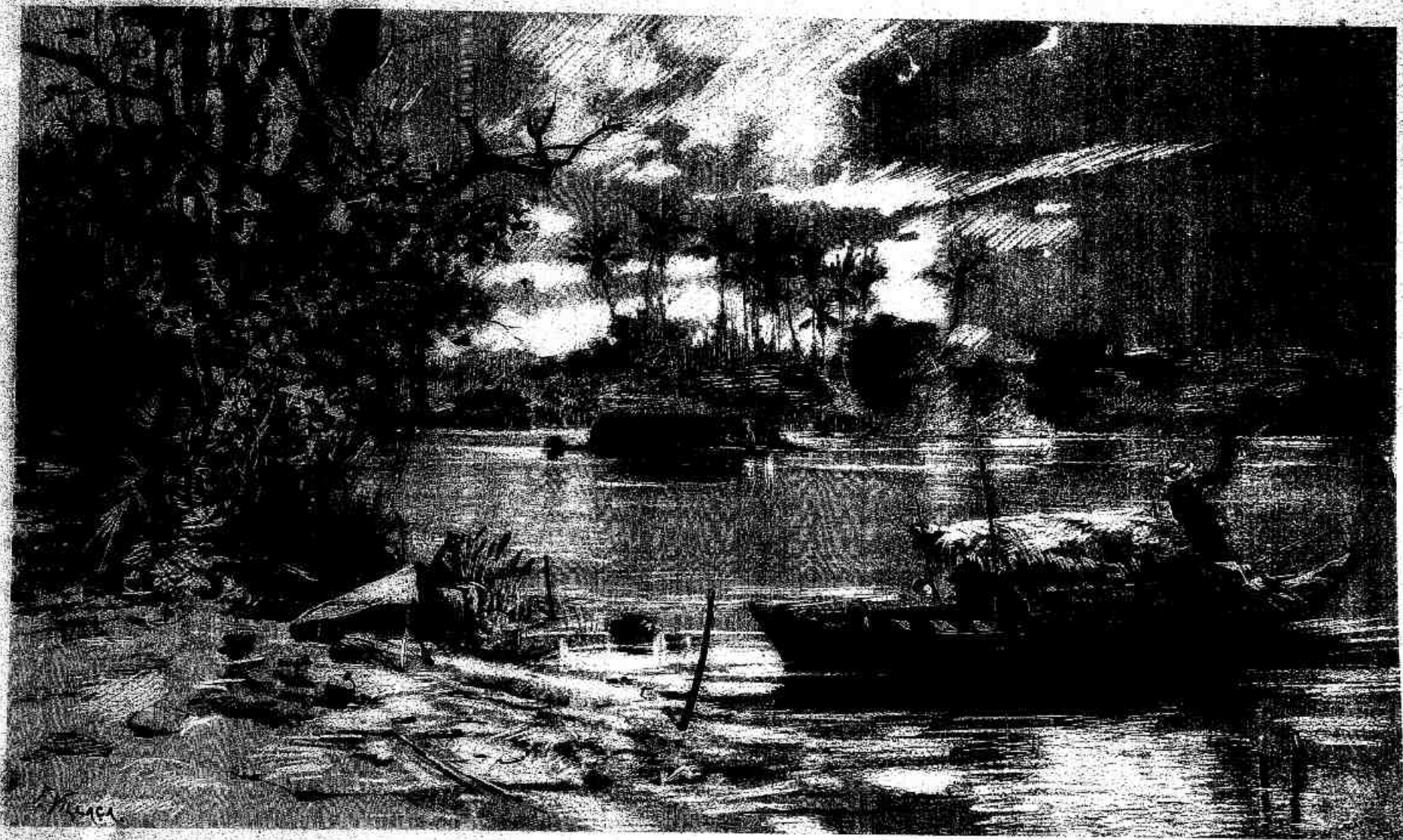
Septembro 1884.

Vim a saber depois que o preto do Hammam ganhara um premio de 50,000 francos na loteria das Artes Decorativas. Decididamente não ha uma justiça no Céu!

N. do A.

A illustração publica no proximo numero um magnifico retrato do illustre dramaturgo francez Alexandre Dumas filho, um dos actores da *Boncheg* actualmente em scena no theatro da Porte-Saint-Martin de Paris.

Este retrato é um magnifico trabalho de agulha, o orador artistico *Oni* Baudé.



BRAZIL. — Uma vista do Amazonas. — Desenho original de F. Villaça.





RECORDAÇÃO D'ITALIA.







Jamais plus! jamais plus! Les rages et les espérances  
Sont les colibris d'or des régions du Levant,  
Qui choisissent pour nids les nœuds des enfants.  
Et quand la neige tombe déjà sur notre route,  
Et quand l'hiver atteint notre ombre, alors  
Les pauvres colibris, hélas! sentent le froid  
Et nous quittent, et nous laissent le cœur vide,  
Pour aller faire leurs nids dans d'autres cœurs.  
Mes amis, la vie est un soleil qui arrive au zénith  
Alors que chante en nous ces chansons célestes:  
Son aurore est un berceau, et son coucher est un tombeau.  
Il se lève parmi les rixes et se couche parmi les cyprès.  
C'est pourquoi, quand le soleil de la vie décline déjà  
Nous montrant au loin les ombres du couchant,  
Il nous est doux de nous arrêter sur le versant de la colline,  
Et de retourner en arrière notre regard plaintif,  
En arrière, en arrière, vers les temps éphémères.  
Si pleins de chansons, si pleins d'ivresse,  
Hélas! la jeunesse est comme la fleur du lotus,  
Qui en cent ans fleurit à peine une fois!

Recordem-se vocês do bom tempo d'aquella,  
Dum tempo que passou e que não volta mais,  
Quando lámas a virjo da existência fora  
Alegres como em jolo os bandos das pardais?  
C'rouva-nos a fronte um diadema d'aurora,  
E a nossa coração vestido de esplendor  
Era um divino abril radiante, onde as abelhas  
Vinham sugar a mel na balsamina em flor.  
Que doiradas canções nossas bocas vermellas  
Não lançaram então perdidas pelo ar!...  
Mil chiméras de gloria e mil sonhos dispersos  
Canções feitas em versos,  
E que nós nunca mais havíamos de cantar!

Nunca mais! nunca mais! Os sonhos e as esperanças  
São auren colibris das regiões da alvorada.  
Que escolhem para nidos os peitos das creanças.  
E quando a neve cae já sobre a nossa estrada,  
E quando o inverno chega a nossa alma, então  
Os pobres colibris, citadões, sentem o frio  
E deixam-nos a nós corações vazios,  
Para fazer o ninho em outro coração.  
Meus amigos, a vida é um sol que chega ao cume,  
Quando cantam em nós essas canções célestes:  
A sua aurore é o berço, e o seu occaso é o túmulo.  
Ergue-se entre as rosas e expira entre as cyresses.  
Por isso quando o sol da vida já declina,  
Mostrando-nos ao longe as sombras do poente,  
É-nos doce parar na encosta da colina  
E volver para trás o nosso olhar plangente,  
Para trás, para trás, para os tempos remotos  
Tão cheios de canções, tão cheios de embriaguez,  
Por que a juventude é como a flor do lotus,  
Que em cem annos floresce apenas uma vez!

Mais la maladie est venue aussi anéantir, comme An-  
théro du Quantal, ce vaillant poète qui faisait, à l'instar  
de Hugo, vibrer puissamment l'alexandrin. Il y a long-  
temps que nous attendons son poème annoncé de la *Mort*  
de Jehonah; mais on désespère aujourd'hui de le voir  
jamais paraître: tant la vie du poète se passe mélancoli-  
que et triste entre des drogues de pharmacie et des  
prescriptions contradictoires de médecins, dans une  
ville de province, où l'artiste jouit à peine du spectacle  
consolant de l'immense étendue de notre Océan azuré,  
une vraie mer d'odyssée, toujours mouillée de nom-  
breuses voiles latines, blanches comme des ailes de co-  
lombe, qui entraînent nos pêcheurs au loin, là-bas, là-  
bas, vers les côtes d'Afrique!

Je voudrais vous parler d'autres encore:

Théophile Braga, qui a abandonné la poésie pour de-  
venir un savant et éminent professeur d'histoire et de  
littérature;

Gonçalves Crespo, mort il y a un an, qui dans les  
*Miniatures* et les *Nocturnes* s'est révélé le plus fin et le  
plus aristocratique des *l'aristocratie*, digne de parcourir  
les mondes de l'idéal à côté de Copécé;

João Penha, le chanteur extraordinaire du notre vin, ce  
breuvage précieux et divin qui paraît avoir reçu des  
larmes de quelque volcan toute la chaleur qu'il nous  
transmet, régal de ces bons lords anglais, lorsque appa-  
raît le riant dessert et que dehors le bruyant tonbe,  
tombe lentement, trempant, gâtant tout; João Penha,  
celui des modernes qui sait le mieux brûler un sonnet  
et faire vibrer la corde de l'ironie;

Gomes Lessi, un halluciné romantique, qu'un maudit  
vent du politique a changé en un poète de meetings,  
mais qui est toujours resté l'ardent inspiré des « Clirées  
du sud » (*Claridades do sul*);

Je voudrais vous parler aussi des nouveaux:  
Jayme de Segalier, de qui nous avons déjà un livre qui  
renferme des vers rappelant tout à tour la forme en-  
chanteresse de Catulle Mendès et d'Armand Silvestre;  
Joachim d'Araillo; Casario Verde, jeune poète d'une  
originalité frappante, un inconnu comme Paris seul sait  
en produire dans les centres irrévérencieux de Mont-  
martre et du quartier latin; Luiz de Magalhães, et bien  
d'autres encore.

Le temps me manque aujourd'hui pour parler d'eux  
consciencieusement. Chaque artiste, et spécialement  
chaque poète, est tout un monde, un trésor complexe  
de sentiments; ils exigent beaucoup d'études et beau-  
coup de pages.

Si le sujet est sympathique, j'y reviendrai et j'éché-  
rai de faire passer devant les lecteurs, autant que le peut  
un simple journaliste, la glorieuse légion des poètes por-  
tugais modernes. Si à l'heure qu'il est il y a rareté de  
livres nouveaux sur le marché, puisque l'époque va

toute à la prose, nous pourrions revoir les poètes an-  
ciens. Quand je dis anciens, la plus vieille aura  
tout au plus vingt ans: c'est encore de la jeunesse pal-  
pitante de verve et de force, je crois même que c'est  
l'âge convenable pour en parler: déjà ne s'entend plus  
l'écho des éloges flatteurs, et arrivent seules à l'oubli  
les œuvres nourries d'une sève féconde, qu'illumine et  
illuminera éternellement une étincelle de génie.

Les vers sont comme le bon vin: vingt ans de cave le  
changent et le font si pur et si divin qu'il mériterait de  
s'être lui que par les femmes et par les artistes!

MARIANO PISA.

## AS NOSSAS GRAVURAS

### A COMEDIA FRANCEZA

Os theatros de Paris estão todos em ac-  
tividade, e todos preparam n'este mo-  
mento, cautelosamente, as peças novas  
que hão-de ser o grande successo do  
inverno de 84-85.

Um dos lados da vida parisiense que mais  
importância tem para o publico portuguez e  
brazileiro é sem duvida o lado dos theatros. Os  
empresarios de Lisboa e do Rio de Janeiro es-  
peram ansiosamente as peças novas que maior  
exito obtenham em Paris para immediatamente  
as offerecerem ao seu publico. E os escriptores  
disputam febrilmente entre si a primizia das  
traduções — o que faz com que muitas vezes as  
traduções sejam más, e a cada instante despre-  
zados os direitos de propriedade litteraria.

As considerações que o assumpto nos sugere  
são variadissimas — mas não entram no pro-  
gramma d'esta secção. O que nos cumpre dizer  
aqui, é que a pagina interessantissima que offe-  
recemos hoje aos nossos leitores é a abertura  
das nossas novidades theatraes. A *Illustração*  
hã-de pôr o seu publico ao corrente de todos os  
acontecimentos — dando desenhos das peças que  
tiverem mais voga, retratos dos auctores que  
fôrem mais applaudidos, retratos dos artistas  
que fixerem as mais celebres creações.

A nossa gravura de hoje representa a escada  
principal da *Comedia Franceza*, da chamada  
« casa de Molière », em noute de terça-feira. E  
dizemos « noute de terça-feira », por que não é  
na *Comedia* uma noute como todas as outras.  
E a noute especial dos seus assignantes, é a *soi-  
rée* elegante, a *soi-ée* destinada à primeira so-  
ciedade de Paris, que ali vae em rigorosa *toilette*  
de baile.

Nas terças-feiras o espectáculo é sempre dos  
mais escolhidos do repertorio moderno ou do  
antigo, são as recitas a capricho, onde entram  
sempre os primeiros artistas. Nas terças-feiras é  
um dever de todo aquelle que se diz parisiense  
da alta sociedade comparecer n'aquelle theatro.  
E por isso que nunca se encontra a venda no  
bilheteiro nem uma cadeira, nem um lugar de  
balcão, nem uma frisa, nem um camarote de  
primeira ou segunda ordem.

N'essas noutes o aspecto da *Comedia Fran-  
ceza* é verdadeiramente deslumbrante, e só ha de  
superior em Paris um espectáculo de gala na  
Grande Opera.

Basta olhar para a nossa gravura para se for-  
mar uma ideia do todo esse mundo que invade  
as terças-feiras o theatro nacional de decla-  
mação.

As trez portas no alto da escada dão entrada  
para os corredores da primeira ordem e do bal-  
cão. A porta que se vê à esquerda é a que dá  
entrada para o *foyer* do publico, todo guar-  
neido de bustos de marmore dos mais celebres  
auctores dramaticos e onde existe uma soberba  
estatua de Voltaire.

Na *Comedia Franceza* ha 1,400 lugares. Cada  
lugar de camarote e de frisa varia entre 8 e 10  
francos e o preço de cada cadeira é de 6 fran-  
cos. Estes preços são válidos uma hora antes  
de começar o espectáculo. As pessoas, porém,  
que desejam marcar com antecedência d'horas

e mesmo de dias os seus lugares para tal recita  
que se annuncia nos cartazes, tem de recorrer  
ao chamado *bureau de location*. Ali paga-se 2  
francos a mais por cada lugar de primeira or-  
dem, e como se procede sempre d'este modo para  
todas as peças de successo, o preço regular de  
cada cadeira é de 8 francos.

A *Comedia Franceza* é um theatro do Estado,  
com uma avultada subvenção, tendo à sua frente,  
na qualidade de administrador geral nomeado  
pelo ministro de Bellas-Artes, o Sr. Emile Per-  
rin, cuja sabia administração tanto tem concor-  
rido para a florescencia em que hoje se acha este  
theatro, que se pode chamar sem receio o primei-  
ro theatro de declamação, que existe sobre a  
terra. É aqui que se educam e que se tem  
educado todos aquelles que hoje representam  
magistralmente o theatro contemporaneo. Uma  
prova é o theatro de D. Maria de Lisboa que  
só procura seguir em tudo a *Comedia Franceza*,  
graças ao talento, ao bom gosto artistico de trez  
victores de primeira ordem — Brazão, João Rosa  
e Augusto Rosa.

### UMA VISTA DO AMAZONAS

FRANCISCO Villaga é um distincto artista  
muito conhecido da colonia portu-  
guez e brazileira que habita o *quar-  
tier Latin* em Paris. É um pintor de  
muito merito, que entrou na arte como  
um apaixonado, por sua livre vontade, sem  
recomendação ou protecção official, aban-  
donando a vida do commercio que elle seguia  
no Rio de Janeiro, para vir para Paris aprender  
pintura nos *ateliers* dos primeiros artistas. Ha  
annos que elle habita a grande cidade, tra-  
balhando sempre, mais ou menos, por entre as  
irregularidades de todas as existencias de artis-  
tas — por que a este succede um facto curiosis-  
simo. Portuguez, abandonou muito novo o seu  
paiz e o seu publico nada o conhece. E tendo  
habitado por largos annos a capital do Brazil  
quem, a não ser algum amigo, o conhece como  
pintor?

E em todo o caso elle é dotado d'um magni-  
fico talento, d'um talento brilhantissimo, que  
poderia produzir muito, se o artista tivesse  
recursos para continuar a estudar como elle  
queria e ambicionava, se elle podesse fazer uma  
larga aprendizagem em Italia e em Hespanha.

O que estamos dizendo não é elogio; é sim-  
plesmente a verdade. Reparem os nossos lei-  
tores no magnifico desenho que representa uma  
vista do Amazonas. Não é o trabalho d'um  
artista que começa; é a obra d'um artista já  
feito; é um desenho de primeira ordem, d'uma  
grande elegancia de traço, que lembra, pelo  
explotador da natureza, as paginas de Riou que  
ilustram as obras de Jules Verne.

O Amazonas é o maior rio do globo, em vo-  
lume d'aguas. Nasce do lago Laurichoca no  
Perú, corre no seu principio para o Norte e  
depois para Leste, atravessando o Perú e as  
provincias brazileiras do Alto Amazonas e Pará,  
e lança-se no Oceano Atlantico depois de um  
curso de 6,000 kilometros. Antes de entrar no  
Brazil tem os nomes de *Pungurajua* e *Maranhão*,  
e no Brasil o de *Solimões*, até receber o do *Rio*  
*Negro*, e depois *Amazonas* propriamente dito.

### ITALIA

Os assumptos italianos são n'este mo-  
mento os grandes assumptos da actuali-  
dade, pois que infelizmente o câmbio  
tem feito em Italia e especialmente em  
Napoles tantos centenaes de victimas que toda  
a Europa olha com piedade para esta terra  
deliciosa paiz por onde agora está passando um  
grande vento de desgraça.

Em vez de procurarmos assumptos lucra-  
tivos tratamos de obter paginas enojar-  
das que lembrem a Italia, não nas espécies de



lamente, mas nas quadras da paz e de felicidade.

A nossa gravura *Reverência d'Italia* é, com um soberbo quadro de Eckler, uma verdadeira obra-prima da arte moderna, pela grande delicadeza do desenho e simplicidade de composição. O quadrinho representa uma Napolitana dando de comer a um bando de pombos; uma d'estas adoráveis Napolitanas tão conhecidas como modelo de pintores.

A nossa outra gravura da pagina 173 representa um carreiro das proximidades de Roma; um d'estes typos vigorosos, de olhar inergico e firme, como se não encontram iguaes nos outros paizes da Europa, typo meio selvagem e meio artistico, sempre sympathico e nunca banal.

O quadro de Eckler pertenciu ainda ha poucos annos á galeria de Goupil, o primeiro negociante de quadros que existe na Europa. O desenho da pagina 173 é de Bocourt, um artista de



PEDRO LUIZ, Poeta brasileiro

(Fallecido em 16 de julho de 84)

grande e apreciado talento.

#### PEDRO LUIZ

N'outro sitio do nosso jornal encontrarão os leitores a biographia de Pedro Luiz, devida á penna do illustre escriptor brasileiro Machado d'Assis. E' com verdadeiro prazer que nós publicamos hoje um artigo firmado por um dos nomes mais sympathicos e mais notaveis do Imperio, como é o do Sr. Machado d'Assis, romancista e poeta brilhantissimo.

A *Illustração* conta actualmente um grupo de collaboradores brasileiros dos que mais sympathias gozam entre o publico fluminense.

Entre os nomes de poetas e prosadores que apparecerão regularmente nas columnas do nosso jornal encontram-se os nomes de Luiz Delino, Luiz Murat, Valentim Magalhães, Sant'Anna Nery, Ferreira d'Araujo, etc.



A CHINA CONTEMPORANEA — Um exame de soldados





ITALIA—Um camareiro das proximidades de ROMA. \* \* \* \* \*



## A CHINA CONTEMPORÂNEA

O último número da *Illustração* já tivemos ocasião de fallar dos famosos exames de soldados na China. Voltamos hoje de novo ao assumpto apresentando uma outra gravura onde se vê um militar na sala d'exames em Cantão, movendo uma grossa pedra do peso de 80 kilogrammas.

É um costume antigo da China, que todo o soldado e principalmente o soldado tartaro, para poder passar a cargos superiores, deve saber mover este enorme rectângulo de pedra que dois pedreiros europeus não teriam forças para mover. Fazem-se na pedra duas cavidades para que a possam facilmente agarrar. Então o herculeo tartaro ajoelha-se serenamente sobre a perna direita e colloca o rectângulo sobre a côxa esquerda; depois agarra na pedra e levanta-a á altura do peito; n'este momento o examinando deita-se para traz, estende os braços, e tem de sustentar no ar o pesado fardo. Os soldados provam successivamente d'este modo, que os seus braços, as suas pernas e os seus rins são capazes de supportar um peso de 80 kilogrammas.

Nas salas dos exames vêem-se toda a especie de armas chinesas; arcos, flechas, etc.; grandes pedras de pesos varios; cadeiras d'honra para os mandarins militares que andam em inspecção pelas provincias, e sempre ao fundo da sala, por que a religião em tudo se move, um altar onde se vê um deus guerreiro, ás vezes Pak-Tai, o deus do Norte, outras vezes Couang-Ti, o deus dos soldados, outras Ung-Yao-Ki o deus dos arcos. Por cima do deus, na parede, grandes palmas com flores de papel dourado, iguaes ás que se usam em Portugal e Hespanha nos domingos de ramos; sobre o altar, um cachimbo d'agua, diferente na forma dos *narghileks* turcos, uma chavena de chá e uma espiral odorifera feita com incenso; no chão, sobre um tapete, dois castiçais e o defumador onde queimam bocadinhos de Sandalo.

Depois d'isto, se os mancebos tartaros não sahem approvados nos exames a culpa não é nem dos deuses, nem dos habéis professores que são enormemente rigorosos nos estudos que ensinam.

## NOTAS E IMPRESSÕES

A maior parte das fatalidades e desgraças que nos succedem é devido a que nós só muito tarde é que nos conhecemos.

D. STERN.

Quando o chefe do Estado deixa passar um dia sem se occupar dos negocios publicos, o povo é que soffre durante um anno.

A peor de todas as camaras é em todo o caso preferivel á mais brilhante das ante-cameras.

CAYROL.

Aquella que não ama a sua patria absolutamente, cegamente, entusiasticamente, nunca sera mais do que a metade d'um homem.

EDM. ARBUT.

A historia é a nação, é a propria patria atravez dos seculos.

GUIROT.

Palavras curtas e precisas, representando ideias claras, são a morte de toda e qualquer discussão.

DRAIS.

A imparcialidade que é a força do historiadôr é a fraqueza do homem publico.

VALTOUR.

Apesar de todos os seus milhões, o orçamento do Estado está sujeito ás mesmas leis economicas da mais modesta contabilidade d'uma casa: não existem duas arithmeticas.

VALTOUR.

A moderação, é a razão politica.

GAMBETTA.

Um anno de poder é mais fecundo que dez annos d'oposição heroica.

GAMBETTA.

Não se deve acreditar nem no que dizem os ministros, nem no que dizem os seus inimigos.

ALEX. DUMAS.

Odeio o fanatismo em politica, assim como o detesto em religião.

FRANCKO II.

Escrever, para uma mulher, é decotar-se; sómente é talvez menos indecente mostrar os hombros que mostrar o coração.

M<sup>me</sup> ACKERMANN.

É sempre facil viver com os seus inimigos; mas com os seus amigos, eis o difficil.

BESNOT.

A rhetorica que ensina a fallar prefiro muito mais á rhetorica que ensina a estar calado.

VALTOUR.

## JESUS AO COLLO DE MAGDALENA

*Jesus expira, — o humilde e grande obreiro!...  
Sobem já pela cruz acima escadas,  
E nos cravos varados no madeiro  
Os malhos batem, cruzam-se as pancadas.*

*Soluço em torno o choro. As mãos primeiro,  
Gaem inertes no ar dependuradas;  
O rosto oscilla..., vérga o torso inteiro  
Nos braços das mulheres desgrehadas.*

*Soltam-se os pés... Augmenta o pranto e a queixa.  
Só Magdalena ao ouro da madeixa  
Limpa-lhe a face, que de manso inclina...*

*E, no meio da lagrima mais linda  
Com a mão lhe abrindo a palpebra divina,  
Busca vêr se elle a vê... beijando-o ainda.*

Rio de Janeiro.

LUIZ DELVINO.

## THEATROS

Das questões graves, importantes, de peso agitar, n'estes ultimos quinze dias, todos os circulos theatraes de Paris.

Um accidente qualquer d'ande dependesse o equilibrio Europeu não causaria mais cuidados nem maiores pasadinhos do que esses dois problemas que fechavam em si o futuro de dois dos principaes theatros francezes.

Todo Paris cogitava, todo Paris se arrevelava, todo Paris se concentrava e procurando achar-lhes uma solução, publicava o seu indicador em gancho, ou a sua critica, ou a sua mão arqueada, esgravando o seu desordem e tomando todas as posições. Mas não tem inventado para fazer creio ao publico, e um certo dado momento, o actor representou a situação que medita.

Tratava de se saber:  
Se o *Parisiês* se sustentaria ou não com a sahida de Judic.

2º Se Damala faria parte d'uma peça no *Saint-Martin* theatro d'onde sua mulher M<sup>me</sup> Sarah Bernhardt é directora.

A resolução não era facil e em Paris um caso d'estes toma taes proporções de interesse que no mais simples olhar d'um amigo, d'um conhecido, do dono de uma loja onde se entra, do espectador que, no theatro, fica ao nosso lado, do nosso companheiro de mesa, da nossa *conciêrge*, do primeiro cocheiro da praça, de todos enfim, vê se um lampejo prescurator de curiosidade que diz claramente um:

— Então hein? Que lhe parece?

E nada.

Absolutamente nada.

Ou mandar fazer ás olarias um novo *Edipo* ou esperar pelo Tempo o melhor decifrador de todas as *Sphinges* passadas, presentes e futuras.

Estavamos n'esta collisão!

Ao primeiro enigma talvez os meus leitores de Lisboa podessem já responder; viram Judic e devem estar convictos de que não é sem razão que essa mulher extraordinaria passa pela maior formosura de Paris e é a única actriz do *vaudeville*.

E, declaramo-lo com franqueza, poucas vezes a *reclame* tem sido tão verdadeira e a fama tão bem cabida. Judic é uma linda mulher e uma actriz superior.

O *vaudeville* composto ao mesmo tempo de operetta e de comedia exige uma comprehensão duplicadamente vibrante, clara e intelligente e só em Judic encontrou por enquanto a sua verdadeira encarnação. As outras actrizes representam um *vaudeville* como comedia ou como operetta mas nunca como *vaudeville*.

Pode suppor-se d'aqui o estrebuchar d'um theatro que se firmava n'este só apoio que apesar de bom tinha o defeito enorme de ser unico.

Fez-se porem uma tentativa e hoje já se sabe que o *Parisiês* passará sem Judic, triste sim, mas confor-mado.

O *Chapeau de Paille d'Italie*, com que reabriu, essa reliquia de cubollos brancos, promete fazer não sentir a falta da grande diva e Buron, Lassouche, Leonce e Dupuis. esses magnificos comicos d'uma pilheria inexgotavel comprometteram-se a resuscitar n'aquelle theatro, a comedia, de ha tanto despro-zada.

Para esclarecer a segunda duvida devo dar alguns apontamentos.

Les *Danicheff* é uma peça que Dumas filho fez de collaboração com Corvin. Recebida sempre com applauso, dois empresarios se lembraram ao mesmo tempo de lhe fazer uma nova *reprise*. Dumas cedeu-a a um, Corvin cedeu-a a outro. Grande questão. Descomposturas e tribunales. Em resumo: o drama que estava para se representar no *Odeon* ou no *Gymnase* não se representa nem n'um nem n'outro theatro e vai subir á scena do *Saint-Martin*.

O que são os destinos!

Mas... oh fatalidade! O *Saint-Martin* não tem troupe para a peça e aqui começa o seu novo director, o conhecido Duquesnel, a pedir artistas a este e aquelle, e consegue obter Magnier do *Gymnase*, Garnier do *Comédie* e uma meia dúzia de interpretes de tal ordem que a peça deve ter um desempenho nunca visto e um successo extraordinariamente superior a todos os successos extraordinarios com que sempre tem sido acolhida.

Hoe opus...

Qua foi aqui que Duquesnel se lembrou, que Damala já tinha cedido o papel para o *Gymnase* e poderia muito bem vir represental-o ao *Saint-Martin* completo, assim o curioso *ensemble*, que elle sonhara para a obra de Dumas.

Consentiria Damala? Não consentiria?

Não posso dizer-lhes. A verdade é que o papel foi dado a Marais, e que o theatro que tinha aberto com o *Macbeth* fechou para ensaios emquanto Sarah faz uma nova excursão e espera pela *Theodora* e a nova peça de Sardou que deverá representar em novembro.

Entretanto porem que isto se debatia, os outros theatros foram abrindo todos as portas, com velharias, e certos successos passados mas que nem por isso tem deixando de encher as salas do spectaculo e as gavetas do cofre.







